

COMPETITIVIDADE

# Investir em Portugal é caro e rende pouco

Rentabilidade do capital está muito longe da Europa. Têxtil é um dos piores sectores

Parece um contra-senso mas não é. Por um lado, Portugal precisa de capital, que é escasso. Mas, por outro lado, o investimento no país tem um retorno demasiado baixo, devido a problemas estruturais que se traduzem em rentabilidades demasiado baixas na maioria dos sectores de atividade.

Resultado: o investimento teve um fraco desempenho nos últimos anos. O que se percebe dada a baixa rentabilidade que, muitas vezes, não garante sequer o custo do financiamento necessário para o realizar. Entre 2001 e 2010, segundo dados do Eurostat, o investimento total (público e privado) em Portugal registou uma queda acumulada de 25% em termos reais.

No sector privado houve uma subida na primeira metade da última década em termos nominais (não corrigindo a inflação). Com a crise financeira, a situação inverteu-se. Entre 2001 e 2010, segundo dados do Eurostat, o tombo acumulado em termos reais foi na ordem dos 24%.

Ironicamente no período de euforia financeira dos anos 2000, em que a 'bolha' deveria ter bafado todos, a convergência não foi a tônica no seio da zona euro e Portugal foi uma das principais vítimas da assimetria gritante que se desenvolveu.

**A outra divergência**

Ouve-se falar muito da divergência no crescimento económico. Mas há uma outra divergência de que se tem falado menos: o fosso entre a rentabilidade dos capitais investidos em países como a Alemanha, França ou a Áustria e a conseguida noutras economias como Portugal, Itália e Espanha. Essa diferença de rentabilidade situa-se, em média, nos dois pontos percentuais entre aqueles dois grupos de membros da zona euro e acentuou-se a partir de 2004.

“Uma diferença significativa que acaba por tornar muito mais oneroso investir nos países com mais baixa rentabilidade de capital. Isto acaba por ser uma questão estrutural, um facto objetivo. Para o mesmo negócio, no caso português, tem de se investir mais 20% a 25% em termos de ativos do que nos países do ‘centro’ europeu. “É uma desvantagem comparativa enorme”, diz Francisco Lopes dos Santos, professor no Instituto Superior de Economia e Gestão (ISEG), de Lisboa, que fez o estudo da evolução dessas rentabilidades para seis países (Alemanha, Áustria, Espanha, França, Itália e Portugal) entre 2002 e 2007, com base em dados do Banco de Portugal.

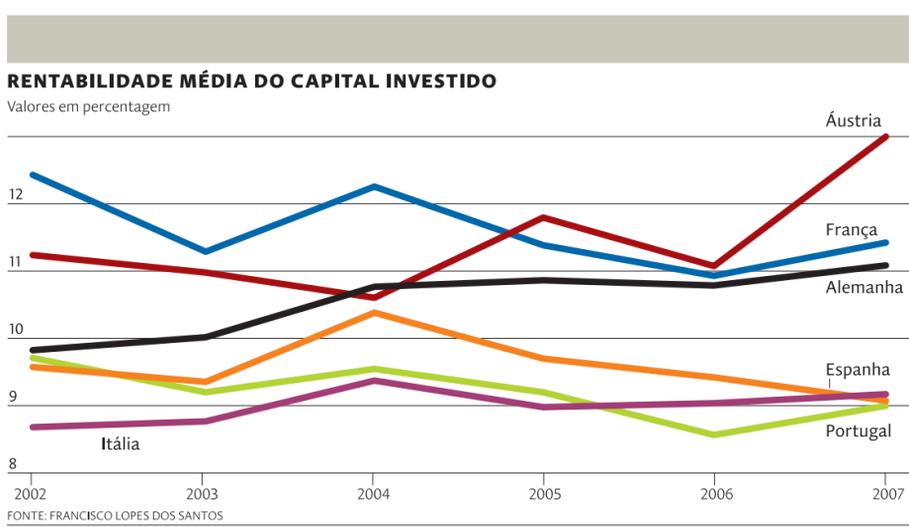
Lopes dos Santos baseou a sua investigação na ideia de “usar os indicadores típicos do mundo empresarial” na avaliação dos países e assentou a medição da rentabilidade do capital investido em cada um dos países numa análise de 30 sectores. Obteve, agregadamente, “corredores de rentabilidade” para cada país e uma análise mais fina em cada um dos 30 sectores. “De um lado, a Alemanha, Áustria e França, com rentabilidades médias acima de 11%, e do outro, Espanha, Itália e Portugal, perto dos 9%”, sublinha. Concluiu que, na zona euro, “a rentabilidade tem bandeira e hino” e que, em contraste, há uma doença de “carestia dos ativos”, paradoxalmente, nos países com menor poder de compra e com menor rendimento *per capita*.

O que esta divergência implica é que assistimos, durante aquele período, a uma deslocalização das indústrias que requerem mais investimento de capital. Tais indústrias fugiram de países onde os ativos são caros — como em Portugal — para, por exemplo, a Alemanha. “O custo de capital na periferia é não só onerado pelos custos logísticos, como pelos custos de intermediação em toda a cadeia de fornecedores, até ao impacto dos custos internos que prejudicam o investimento, bem como tudo o que onera o capital circulante, como dificuldades de cobrança”, sublinha o investigador.

O nosso país não foi apenas atingido pela deslocalização de sectores de baixo valor em virtude da concorrência internacio-

nal da China e de outras economias emergentes, mas apanhou também com esta deslocalização de maior valor. “Sofreu o impacto destes fatores de decapitação”, diz o nosso interlocutor, com o “risco de o tecido empresarial ser destruído e não renovado, pela fuga de inteligência e pela diminuição da capacidade empreendedora”. Por isso, as próprias exceções que sobrevivem “tornam-se alvos fáceis para aquisição por empresas dos países de maior rentabilidade, sofrendo, depois, reestruturações no sentido de se tornarem sobretudo empresas comerciais”, conclui Lopes dos Santos.

JOÃO SILVESTRE  
e JORGE NASCIMENTO RODRIGUES  
jsilvestre@expresso.imprensa.pt



**UM PAÍS, DUAS ECONOMIAS**

**+** Indústria de fabricação de equipamento elétrico

Este sector é uma das poucas exceções em que Portugal apresenta um posicionamento mais competitivo no conjunto da economia nacional. Contudo, a sua rentabilidade média dos capitais investidos é inferior à que se verifica em Itália, Espanha, Áustria e França. Não será despiciente para esta situação a existência de empresas como a Efavec e a Siemens, bem como outras que localizam em Portugal fábricas e saber com que competem na arena global. Outras atividades com um bom posicionamento são o sector automóvel e o de equipamentos informáticos.

**-** Sector têxtil

A industria têxtil é a que apresenta os preços médios mais elevados nos sectores estudados, mas, paradoxalmente, apresenta uma baixa rentabilidade média dos capitais investidos (7,3%), inferior à média nacional (9,02%). O estudo verificou que, no caso de Espanha, a rentabilidade média desceu para menos de 4%, o que terá condenado o sector ao desaparecimento. Também a Alemanha apresenta uma rentabilidade mais baixa do que em Portugal. Países como França, Itália e Áustria têm rentabilidades superiores à portuguesa, ainda que ligeiramente. Outras indústrias que são tidas como *ex libris* portuguesas, como a madeira e cortiça, a pasta de papel, ou o vestuário têm, também, rentabilidades de capital muito baixas.

Na base do sucesso está uma ambição partilhada por todos!



**Uma ambição de desempenho**

Num contexto económico difícil, em 2010 a SPIE fez melhor que resistir. Graças ao esforço das suas equipas, ao crescimento externo e à aposta na economia verde, a actividade da SPIE atingiu 3,75 mil milhões de euros, com um resultado operacional de 192,3 milhões.

Líder europeia de serviços técnicos nos sectores da energia e das comunicações, a SPIE mantém-se fiel aos seus valores fundamentais: desempenho, proximidade e responsabilidade. São estes valores que fazem da Empresa uma força de progresso, designadamente dos seus 28.600 colaboradores, 23% dos quais são já accionistas detendo 12,75% do capital social.



Aceda ao comunicado de imprensa no seu telemóvel

www.spie.com | www.myspie.eu

